



Lívia Moreschi Murozaki¹

Pedro Paulo Abreu Funari²

De Atlântida a Jardim do Éden: narrativas pseudoarqueológicas sobre Göbekli Tepe

RESUMO

Este artigo tem como objetivo comparar duas páginas de blogs que versam sobre o sítio arqueológico Göbekli Tepe de forma pseudoarqueológica. Para tanto, primeiro será feita uma fundamentação sobre o método arqueológico e a pseudoarqueologia, de modo a conceituar o último termo; em seguida, analisaremos pontos que aproximam e distanciam as fontes quanto ao seu modo de convencimento do leitor e a presença de ideias colonialistas.

PALAVRAS-CHAVE: Göbekli Tepe; Pseudoarqueologia; Usos do passado; Método arqueológico; Imperialismo.

¹ Graduanda em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp). Campinas-SP, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-1137-0676>

E-mail: l178726@dac.unicamp.br.

² Arqueólogo, professor de História Antiga no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp). Campinas-SP, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0183-7622>.

E-mail: ppfunari@uol.com.br.

From Atlantis to the Garden of Eden: pseudoarchaeological narratives about Göbekli Tepe

ABSTRACT

This article aims at comparing two pages of blogs that deal with the archaeological site Göbekli Tepe in a pseudo-archaeological way. To do so, first, a theoretical foundation will be made on the archaeological method and the pseudoarchaeology, to conceptualize the last term; then, we will analyze aspects that approximate and distance the sources in terms of their way of convincing the reader and of the presence of colonialist ideas.

KEYWORDS: Göbekli Tepe; Pseudoarchaeology; Uses of the past; Archaeological method; Imperialism.

De la Atlántida al Jardín del Edén: relatos pseudoarqueológicos sobre Göbekli Tepe

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo comparar dos páginas de blogs que tratan del sitio arqueológico Göbekli Tepe de forma pseudoarqueológica. Para ello, en primer lugar, se hará una fundamentación sobre el método arqueológico y la pseudoarqueología para conceptualizar este último término; y, en segundo lugar, se analizarán puntos que acercan y distancian las fuentes en cuanto a su forma de convencer al lector y la presencia de ideas colonialistas.

PALABRAS CLAVE: Göbekli Tepe; Pseudoarqueología; Usos del pasado; Método arqueológico; Imperialismo.

Introdução: o que se sabe sobre Göbekli Tepe

Descoberto em 1994 e localizado na Turquia, o sítio arqueológico de Göbekli Tepe (“Monte com umbigo”, em turco) fascina qualquer um que entre em contato com ele. O sítio é composto por diversos círculos de pedras e pilares em formato de T, que começaram a ser construídos em cerca de 9600 AEC. Os construtores de Göbekli Tepe erguiam um círculo e depois de certo tempo o enterravam, para construir outro círculo mais adiante, de forma que um monte artificial de trezentos metros de diâmetro e até quinze metros de altura foi formado. É possível notar que, nas camadas mais superficiais, os pilares ficam menores em comparação às camadas anteriores, porém não se sabe a razão para essa mudança. Os esforços de construção pararam por volta de 8000 AEC (Deutsches Archäologisches Institut, 2024).

Göbekli Tepe foi chamado por arqueólogos e pela mídia de “primeiro templo do mundo” (Scham, 2008). Na comunidade acadêmica, alavancou debates já existentes sobre o surgimento da agricultura, a neolitização e o surgimento de uma religião organizada (Dietrich et al., 2012; Schimidt, 2000). O monumento prova a capacidade dos seres humanos de fazer grandes realizações sem ter a sistematização de um Estado. Os arqueólogos que estudam Göbekli Tepe propõem que sua construção se deu de forma ordenada, mas esporádica, na qual grupos humanos se reuniam em certas ocasiões para realizar grandes banquetes e erguer o monumento. Dessa forma, é possível que a iconografia dos pilares que representam animais como aves, javalis e serpentes refira-se a diferentes clãs. Além disso, alguns pilares são entendidos como representações de deuses (Dietrich et al., 2019; Schmidt, 2000).

Apesar de se ter produzido um conhecimento seguro sobre Göbekli Tepe, as respostas em que há consenso não são imutáveis. A maior parcela do sítio ainda não foi explorada, uma vez que isso implica um processo de destruição, inerente à arqueologia. Portanto, buscou-se

escavar apenas o indispensável para sanar as maiores dúvidas, preservando o resto do sítio para o futuro. (Deutsches Archäologisches Institut, 2024)

Um exemplo de como nem todo conhecimento é certo sobre Göbekli Tepe é o debate sobre sua ocupação. Nas primeiras escavações, defendeu-se que o local era de uso apenas ritual, e não habitacional, por causa da ausência de características consideradas domésticas, como lareiras e fornos, além de não haver fontes de água próximas (Schmidt, 2000). Além disso, o esforço empreendido para enterrar as construções seria uma evidência do caráter ritual daquele espaço. Banning (2011) problematiza esses argumentos ao defender que não haveria uma divisão estrita entre ritual e profano, e que espaços cotidianos poderiam ser ricos em simbologia. Ou, ainda, que a definição de um espaço entre ritual e profano não depende do recinto em si, mas do momento e das atividades realizadas nele. Assim, haveria marcações que definiriam os momentos rituais e os cotidianos. Após o trabalho de Banning, os arqueólogos de Göbekli Tepe começaram a rever seus conceitos, percebendo que a vida religiosa e a cotidiana poderiam andar juntas e se misturar.

Método arqueológico e pseudoarqueologia

Também é relevante notar como os métodos da arqueologia vão muito além da datação e de entender mecanicamente como as coisas foram feitas. É necessário referencial teórico e comparação com outros locais para entender a cultura que deu origem a esse monumento, como os povos que o fizeram se enquadram em um processo muito maior de neolitização, qual sua visão de mundo e como enxergavam a religião, por exemplo. Como qualquer ciência, a arqueologia não deve apenas buscar o acúmulo de conhecimento, mas também a crítica a si mesma, de forma a alavancar os debates (Hodder, 1999).

Uma delas, por exemplo, é a de reconhecer que as suas origens

estão entrelaçadas com o imperialismo e o colonialismo. A arqueologia enquanto disciplina se firma concomitantemente ao avanço do domínio europeu ao redor do globo. Dessa forma, arqueólogos tinham acesso a terras além da Europa, lidando com povos indígenas da África e da América, e suas realizações acadêmicas estiveram a serviço de reforçar e justificar o domínio colonial. Isso foi feito por meio de comparações com os europeus e a interpretação de que os povos colonizados seriam primitivos, semelhantes aos primeiros estágios de desenvolvimento humano na Europa (Trigger, 2004). Ainda segundo Trigger, tal posição abriu caminho para a tese de que os colonizados não teriam história, porque não sofreram nenhuma modificação social e cultural ao longo do tempo. Assim, os feitos dessas sociedades foram subestimados e ignorados, de forma a provar, ainda que sem fundamento real, a superioridade dos povos colonizadores e, conseqüentemente, seu direito à dominação (Trigger, 1984).

A arqueologia aproveitou-se da diferença colonial fundada no racismo. Quijano (2005) explica que, no processo de colonização das Américas, as diferenças entre colonizadores e colonizados foram codificadas mediante a ideia de "raça", de modo a naturalizar as diferenças. Essa visão também sustentou o mito de que os europeus estariam na "culminação de uma trajetória civilizatória" (Quijano, 2005, p. 111) e, por contraste, os povos indígenas e africanos estariam apenas no começo desse trajeto. Dessa forma, é traçado um paralelo entre as raças "inferiores", tomando-as também como "anteriores", de modo que tudo que é considerado primitivo é visto como passado. No mesmo processo de colonização, os colonizadores reprimem as formas de produção de conhecimento dos povos colonizados, substituindo-as pela sua própria.

Assim, quando a arqueologia começou a ser praticada nos territórios colonizados, ela o fez com uma epistemologia ocidental e moderna. Gnecco (2012) identifica algumas de suas características: o escavar como um tropo fundamental, no qual há uma separação entre

sujeito e objeto. O objeto seria o passado, que necessita ser descoberto, desvelado e decodificado pelo sujeito. Isso é radicalmente diferente de muitas cosmologias indígenas, algumas das quais, por exemplo, não têm essa separação nítida entre presente e passado, pois ambos estão vivos e atuantes ao mesmo tempo. Haber (2016) vai mais longe ao dizer que a exclusão e o silenciamento dos povos indígenas foi a condição que possibilitou a própria existência da arqueologia.

A epistemologia ocidental da disciplina passou a ser consistentemente criticada apenas ao longo das últimas décadas do século XX. Atalay (2006) destaca a importância do ativismo indígena nesse processo, e explica como é importante que a arqueologia seja feita a partir dos interesses das comunidades envolvidas e com sua participação, deixando de lado dicotomias como “nós, arqueólogos” entregando conhecimento a “eles, o público”.

Afora as críticas das comunidades indígenas à arqueologia, há outro campo que levanta questionamentos para a disciplina, que é o da pseudoarqueologia e o das arqueologias alternativas. Em poucas palavras, esses termos caracterizam produções sobre arqueologia que divergem do consenso científico. Fender (2022) caracteriza a pseudoarqueologia como a pseudociência na arqueologia, no sentido de que a pseudociência é qualquer escola de pensamento que rejeita evidências confiáveis e/ou o método científico. Já Moshenska (2017) prefere o termo “arqueologias alternativas”, no plural, por reconhecer que práticas e visões sobre o mundo antigo que divergem do consenso acadêmico podem ser muito variadas entre si. Porém, o que as distingue da arqueologia é sua epistemologia, ou seja, sua forma diferenciada de lidar com conhecimento, e o seu status exterior à academia. Já Fagan (2006) explica que, para caracterizar a pseudoarqueologia, é preciso primeiro entender o que é a arqueologia.

A arqueologia é uma ciência que consiste em duas partes principais: a coleta de dados, cujos métodos se refinam cada vez mais, e sua interpretação, que é a parte mais controversa, por ser

multifacetada (Hodder, 1999). Debates giram em torno de como abordar os dados, quais questões devem ser feitas e quais conclusões são passíveis de serem atingidas. Existem dois limites principais entre a arqueologia e a pseudoarqueologia: o primeiro é a centralidade dos dados, e não apenas dos dados que confirmam um determinado ponto de vista. O segundo é o respeito pelo contexto histórico e arqueológico. Dessa forma, a pseudoarqueologia é uma tentativa de interpretação que desrespeita esses dois limites, conseqüentemente desdobrando-se em outras características. Pode-se citar algumas como: apego a modelos interpretativos ultrapassados, desprezo pela produção acadêmica, apresentação seletiva e distorcida de fatos, comparações grosseiras (exemplo: a afirmação de que toda cultura tem uma lenda sobre o dilúvio, logo, as lendas e as culturas devem ter uma origem única e comum) e falácias lógicas, como a inversão do ônus da prova (Fagan, 2006).

O debate sobre pseudoarqueologia e como ela deve ser enfrentada, ou mesmo se é necessário enfrentá-la, é bastante amplo. Por isso, o termo está em constante negociação, e, como mencionado antes, há quem prefira "arqueologias alternativas". Neste trabalho, optamos pelo termo pseudoarqueologia, por entender, assim como Fender, que as narrativas sobre o passado analisadas neste artigo são uma expressão da pseudociência dentro da arqueologia. Contudo, nem toda arqueologia alternativa é necessariamente pseudoarqueológica. Gnecco (2012) menciona formas de fazer arqueologia de forma decolonial, por não dependerem do tropo ocidental sobre o "escavar", que acabam sendo alternativas. O exemplo dos indígenas Asurini, no Xingu, mostra como nem toda produção sobre arqueologia que não corresponde ao atual consenso acadêmico é, necessariamente, pseudoarqueológica. Suas interpretações sobre achados arqueológicos são registradas por Silva (2002), que relata que, ao encontrar oficinas líticas na margem de um rio, recebeu dos Asurini a explicação que aquele era o banco de Mayra, uma divindade. As marcas nas pedras

seriam originadas de seus pés e nádegas. A narrativa certamente não condiz com as explicações arqueológicas, porém, dentro daquela comunidade, ela desempenha um papel maior de produção de sentido sobre suas crenças religiosas e identidade.

Assim, é necessário hoje fazer um movimento contrário, de colaboração com os povos indígenas e de escuta deles (Atalay, 2006; Fender, 2022). Em segundo lugar, é preciso considerar que a produção pseudoarqueológica opera de maneira muito diferente da narrativa indígena, por conta de sua epistemologia e de seus objetivos. As narrativas indígenas e as arqueologias alternativas que exercem função decolonial estão, justamente, combatendo o racismo e resgatando cosmologias. Contudo, a pseudoarqueologia muitas vezes faz o movimento contrário, de reforçar o racismo fundado na colonialidade e em ideias que têm origem imperialista.

Narrativas sobre Göbekli Tepe apresentadas em blogs

Atlântida e os Nephilins

O levantamento de blogs que tratassem de Göbekli Tepe de maneira pseudoarqueológica levou a vários caminhos interessantes, desde teorias da conspiração feitas por um site de teor antisemita (West, 2020) até explicações fundamentadas na Bíblia, que serão exploradas neste artigo. Nesse meio foi encontrado um blog que traz uma perspectiva muito curiosa, pois se utiliza de fontes confiáveis para apresentar Göbekli Tepe, mas deriva disso conclusões pouco razoáveis.

A fonte em questão é o texto “What is Göbekli Tepe? Facts, History and Speculation [O que é Göbekli Tepe? Fatos, História e Especulação]” (Murphy, 2017), do canal Gaia, que produz vídeos e conteúdos para seus apoiadores. Propõe a eles que respondam às “questões mais profundas da vida e ir além da narrativa convencional com Gaia” (Gaia, 2023). Alguns dos temas que seus conteúdos trazem têm a ver com

alienígenas, chacras, realidades alternativas e história oculta. Assim, o conteúdo produzido tem um teor espiritualista e que coleta várias crenças para produzir um novo sentido para a realidade.

Logo, a abordagem para temas históricos não será histórica, estando envolvida com esse objetivo maior de produção de sentido que passa por duas questões importantes: a primeira seria sua conexão com uma questão religiosa, pois, mesmo que o site não apele para religiões específicas, está relacionado com crenças espirituais. A segunda é seu caráter alternativo, explicitado em seu lema de ir além das narrativas tradicionais, que será usado para dar mais credibilidade ao que se expõe. Ao se apresentar como uma comunidade que busca promover uma visão de mundo diferente e a evolução da consciência, Gaia busca atrair o interesse de pessoas que estão cansadas de modelos convencionais, sejam esses modelos religiosos, de estilo de vida ou mesmo de conhecimento. Como destacaram Fagan (2006) e Moshenska (2017), uma característica muito forte das arqueologias alternativas, ou da pseudoarqueologia, é o quanto elas se apresentam como fora das narrativas estabelecidas.

A autora do texto é Andye Murphy, que, na seção “Sobre a autora” da página, é descrita como “uma médium dotada, curandeira e intuitiva” (Murphy, 2017, tradução nossa)³. Ela tem graduação em psicologia e atuou na área corporativa, até que passou a se dedicar a temas como “Tradições xamânicas, civilizações antigas, vidas passadas, ativações galácticas e cura vibracional”⁴ (Murphy, 2017). O texto no blog está marcado com as tags “*seeking truth*” (“busca pela verdade”), “*ancient origins*” (“origens antigas”) e “*anomalous archaeology*” (“arqueologia anômala”), já refletindo a ideias de mistério e de que há algo perdido na história a ser recuperado.

O texto começa de forma a instigar a curiosidade do leitor por

³ No original: “A gifted medium, healer and intuitive”.

⁴ No original: “shamanic traditions, ancient civilizations, past lives, galactic activations, and vibrational healing”. Esta tradução e todas as outras neste artigo foram realizadas pelos autores.

meio de afirmações sensacionalistas:

Há muitos questionamentos do mundo antigo que espantam nossas mentes e inspiram admiração nos nossos corações. Mas o que acontece quando um sítio de tal precisão e magnitude prova sem sombra de dúvida científica que a existência do homem é mais antiga do que qualquer coisa conhecida antes? Este é o caso de Göbekli Tepe, que coloca a história humana como conhecemos em questão [...].

'A datação por carbono estabelece firmemente a sua idade em 12.000 anos-7.000 anos mais velho que Stonehenge.'

A história bíblica é comumente aceita e data a humanidade com apenas 4.000 anos de idade. Linda Moulton Howe proclama que esta descoberta literalmente duplica a idade da história humana (Murphy, 2017, tradução nossa)⁵.

A afirmação de que Göbekli Tepe questiona toda história conhecida perpassa o texto, culminando na necessidade de os arqueólogos revisarem a história que eles mesmos escreveram e revelando que, implicitamente, a autora entende os arqueólogos e a própria arqueologia acadêmica como um bloco monolítico, sem divisões internas ou divergências. Curiosamente, o texto utilizará informações provenientes do site do Smithsonian (Curry, 2008) e do The Tepe Telegrams (Deutsches Archäologisches Institut, 2024), acessíveis mediante hiperlinks no texto, para explicar alguns fatos sobre Göbekli Tepe, como o tamanho das pedras e a datação de carbono. Assim, é impossível afirmar que a autora não conhecesse informações confiáveis a respeito do sítio arqueológico, demonstrando que não é uma questão de acesso que está em jogo, e sim uma questão de defesa de posições que não dependem de fatos verídicos. Exemplo disso é a menção da autora à história bíblica, dizendo que ela é bem aceita para datar a humanidade a 4 mil anos de idade.

O texto continua destacando as maravilhas de Göbekli Tepe, sua

⁵ No original: There are many wonders of the ancient world which boggle our minds and inspire awe in our hearts. But what happens when a site of such precision and magnitude proves beyond a scientific doubt the existence of man to be older than anything known before? Such is the case of Göbekli Tepe which puts human history as we know it into question. [...]

"Carbon dating firmly establishes its age at 12,000 years old — 7,000 years older than Stonehenge."

Biblical history is commonly accepted and dates humanity at a mere 4,000 years old. Linda Moulton Howe proclaims that this discovery literally doubles the age of human history.

monumentalidade e antiguidade, em contraste com as supostas poucas habilidades dos nômades caçadores e coletores. Por intermédio desse caminho argumentativo, a autora busca criar uma contradição entre o monumento e seus realizadores, de forma a pôr a explicação da arqueologia acadêmica em um local de erro ou insuficiência: "Göbekli Tepe surge dos primórdios da civilização, quando humanos brutais colhiam frutos e caçavam como nômades. Dessas rudes origens, um lugar que questiona toda a história aceita surge do nada"⁶ (Murphy, 2017, tradução nossa).

É preciso solucionar essa contradição, e a solução encontrada foi a teoria de transferência de tecnologia, de Graham Hancock (2017), autor reconhecido por seus livros que buscam provar a existência de uma avançada civilização durante a última era glacial. No texto, Murphy utilizará esse conceito para desvendar as origens de Göbekli Tepe e partirá para a análise de mitologias para lançar alguma luz sobre o sítio. "Atlântida, os Nephilim, os Annunaki e o Jardim do Éden estão frequentemente conectados a teorias sobre o que Göbekli Tepe pode ter sido"⁷ (Murphy, 2017, tradução nossa), ela afirma. No texto, já foi criado um ambiente em que essa forma de argumentação é aceitável, segundo a qual a única maneira de descobrir as verdadeiras origens de Göbekli Tepe não está na ciência.

Em resumo, baseando-se agora nas teorias de Andrew Collins, outro autor que segue linhas pseudoarqueológicas, Murphy menciona a existência de "the watchers" ("os guardiões"), uma raça de anjos que guardava o Jardim do Éden e que se hibridizaram com os humanos para criar uma raça mista, os Nephilins. Ainda seguindo a linha de Collins, o texto afirma que os Nephilins se degeneraram em violência e caos, de forma que Deus ordenou sua destruição, resultando em um dilúvio que destruiu também Atlântida.

⁶ No original: Göbekli Tepe appears out of the primitive beginnings of civilization when brutish humans gathered berries and hunted as nomads. From these crude origins, a site that questions all accepted history appears out of nowhere.

⁷ No original: Atlantis, the Nephilim, the Annunaki and the Garden of Eden all are often connected to theories of what Göbekli Tepe could have been.

Após parágrafos de especulação, o texto tenta retornar para alguma confirmação científica, ao mencionar que o dilúvio é um evento real e documentado por geólogos como “Meltwater Pulse 1B”, acontecido 11.300 anos atrás. Com base nisso, Murphy especula se Göbekli Tepe seria um remanescente anterior ao dilúvio, ou justamente um monumento para que não se esquecesse do ocorrido. A posição adotada acaba por ser a segunda, tendo em vista a rica iconografia de animais retratados nos pilares. O argumento é que os animais retratados seriam um registro da arca de Noé e do dilúvio, somado ao fato de que Göbekli Tepe fica a apenas 350 milhas do Monte Ararat, onde se diz que jaz a Arca de Noé⁸ (Murphy, 2017, tradução nossa).

Voltando para as teorias de Graham Hancock, a autora afirma que Göbekli Tepe pode ter sido construído por remanescentes do povo de Atlântida para refazer sua sociedade. Esses remanescentes teriam iniciado ou estado em contato com diversas culturas ao redor do mundo, como maias, egípcios e sumérios. Isso explicaria por que tantas culturas têm deuses e mitologias semelhantes. Por meio dessa comparação, é possível perceber que a forma de investigação do passado da pseudoarqueologia não tem um método crítico, mas se apoia na criação de conexões e induções, que nem sempre fazem sentido. Um exemplo é a própria conexão do monte Ararat e da Arca de Noé com Göbekli Tepe, que nem sequer são geograficamente próximos, mas são apresentados como se fossem.

Após levantar todas as teorias envolvendo Atlântida, intervenção extraterrestre, anjos e dilúvio, o texto retorna ao ponto inicial de questionar as origens da humanidade, como se não tivesse chegado a conclusão nenhuma sobre a construção de Göbekli Tepe.

Mesmo se não formos tão longe a ponto de propor uma intervenção alienígena ou a queda de Atlântida, os fatos de Göbekli Tepe são um testamento que desafia cada suposição sobre as origens da humanidade. Existiam outras civilizações antigas aqui antes de nós? Seria esta história do nosso planeta muito mais velha do que

⁸ No original: Göbekli Tepe lies only 350 miles from Mount Ararat where Noah’s Ark is said to rest

qualquer coisa que teríamos imaginado? (Murphy, 2017, tradução nossa)⁹.

Apesar disso, a conclusão que o texto tira é justamente a importância de se questionar a história corrente, que se afirma ser dominada por aqueles que têm interesses em jogo e que, dessa forma, desmentirão qualquer um que tentar desafiá-la:

O que nós precisamos ter em mente é que tais descobertas científicas são financiadas por aqueles que têm uma agenda definida [...]. O Smithsonian e outros têm seus interesses a proteger, e, portanto, quaisquer exploradores que desafiem suas visões não serão financiados ou serão imediatamente desacreditados (Murphy, 2017, tradução nossa)¹⁰.

Diversos arqueólogos, como já mencionado antes (Atalay, 2006; Fender, 2022; Hodder, 1999), explicaram a importância de revisar a arqueologia enquanto disciplina e examinar os interesses em jogo na produção de conhecimento: o reconhecimento da não neutralidade da ciência não é um debate recente. Porém, Murphy não leva esses debates em conta ao criticar a arqueologia, e sua noção de arbitrariedade está conectada não ao local de fala dos que produzem conhecimento (posição social, econômica, política e outras), mas a um senso de conspiração entre grandes instituições. Ela ainda afirma que tais pesquisas são financiadas por aqueles que têm uma agenda, como se a questão dos interesses não se aplicasse também a ela.

É notável seu objetivo de produzir uma interpretação do passado que seja considerada plausível e aceita por seu leitor, fazendo isso por meio de um método alternativo ao científico. Esse método, como já mencionado, é composto por conexões entre evidências selecionadas, algumas validadas pela ciência, outras não, e induções. Tal forma de se construir uma interpretação não almeja destituir o fazer científico, mas criticá-lo, o que reforça a posição da autora e do site para o qual ela escreve como alguém fora do *mainstream*.

⁹ No original: Even if we do not go as far as supporting an alien intervention or the fall of Atlantis, the facts of Göbekli Tepe are a testament that challenges every assumption about the origins of humanity. Were there ancient civilizations here before us? Is this history of our planet much older than anything we have imagined?

¹⁰ No original: What we must bear in mind is that such scientific discoveries are funded by those who do have an agenda in place [...]. The Smithsonian and others have their interests to protect and therefore any explorers who challenge their views will not be funded or will be outright discredited.

O Jardim do Éden e os anjos

A próxima fonte a ser analisada é um blog brasileiro, nomeado Assuntos Polêmicos da Bíblia. Sua autoria é de um único homem, Onir Francisco Damas, que se apresenta como “Oficial do Exército (R/1); formado em engenharia pelo Cefet-RJ; bacharel em teologia; poeta e autor do livro *Quanto tempo eu perdi, uma reflexão da Palavra de Deus em forma de versos*; casado e pai de três filhos”. (Damas, 2023). Por meio de seu blog, ele busca complementar com artigos os assuntos que não abordou em seu livro, tendo sempre como referência a Bíblia. Dessa forma, toda e qualquer perspectiva apresentada no blog será exclusivamente cristã.

O artigo “Göbekli Tepe e o Jardim do Éden” apresenta o sítio arqueológico tentando encaixá-lo na mitologia bíblica. Ele faz um interessante movimento de considerar a datação arqueológica e combiná-la com as datações bíblicas. A primeira destas é a queda de Adão e Eva, estabelecida por Damas como ocorrida há 6 mil anos. Anterior a isso, teria existido o “Período de Perfeição Edênico”, que “durou alguns enigmáticos milhares de anos e teve, enquanto durou, o objetivo de encher a Terra e arrebatá-lo àquele que fosse digno de habitar o Reino Celestial (Gênesis 1: 28)” (Damas, 2011). Há um terceiro período, denominado “Período de Restauração da Terra”, em que Deus teria criado diversas espécies e habitats, incluindo o homem. Por fim, o último período, o mais antigo de todos, é o “Período da Restauração”, o único que o autor data além da queda de Adão e Eva: ele teria durado cerca de 60 milhões de anos, a contar da extinção dos dinossauros, em que Deus extinguiu várias espécies, até a criação de Adão e Eva e do Jardim do Éden.

Assim, encontramos uma tentativa de unir religião e ciência, uma vez que, mesmo que dinossauros não sejam mencionados na Bíblia, o autor leva em conta sua existência para elaborar seu conteúdo baseado nesse livro sagrado, assim como a existência de diversas espécies

criadas e extintas antes de Adão e Eva. Mais tentativas como essa serão feitas, como será possível verificar neste trecho:

Comparando o relato Bíblico da localização do *Éden e Jardim do Éden de Gênesis 2: 8 a 17* com o *local do achado Arqueológico, em cerda [sic] de 12000 anos*, não resta dúvida que se trata de vestígios das atividades praticada pelos *Edênicos* antes da *Queda de Adão e Eva* (Damas, 2011, grifos do autor).

Aqui, percebe-se a união entre o relato bíblico e a datação arqueológica. O argumento do autor para localizar o Jardim do Éden em Göbekli Tepe é a sua proximidade aos rios Tigre e Eufrates, mencionados no Gênesis. Ao longo do texto, ele utilizará diversos versículos para provar suas ideias sobre o sítio arqueológico e suas posições quanto ao papel da ciência e da teologia.

Outro aspecto interessante da argumentação do artigo se refere à ciência como fonte e sua relação com religião:

Os estudiosos em Arqueologia e cientistas em geral estão atônitos com a descoberta por contrariar todos os conhecimentos em relação ao Homem e seu desenvolvimento, considerando que naquele estágio há 12000 anos o Homem não tinha as condições para realizar tão extraordinário feito;

[...]

À medida que a Ciência avança no conhecimento da Macrociência e da Microciência em conformidade com as descobertas Arqueológicas, mais (+) os "elos" sobre o conhecimento do Homem se separam, porém os "elos" Teológicos se aproximam da Verdade (Damas, 2011, grifo do autor).

Esses trechos são representativos, pois neles a ciência é usada como um argumento de autoridade, em vez de ser utilizada para fundamentar, de maneira lógica, a argumentação do autor — o alicerce principal dos argumentos está na Bíblia. Por essa razão ele afirma que, "segundo a ciência", o homem não tinha a capacidade de fazer certas coisas, sem mencionar em que momento exato a ciência, essa entidade monolítica, teria feito tal afirmação.

A ciência é vista como algo separado da religião, mas não necessariamente oposto, e sim complementar. Essa convicção transparece no próprio fato de o autor ter buscado unir a descoberta de Göbekli Tepe, que reside no campo científico e arqueológico, com a

história da humanidade contada na Bíblia. Assim, a posição do autor em relação ao saber científico não é de desmenti-lo, mas de usá-lo para reafirmar suas crenças religiosas. Em outro trecho, o autor afirma: “Enquanto a Teologia tem a Ciência e Arqueologia como fonte de comprovação, a Ciência ignora a existência de um *Criador* que controla toda a execução de *Seu Projeto*” (Damas, 2011, grifos do autor). Dessa forma, a ciência não deve ser combatida em função da crença religiosa, mas o autor acredita que as duas se fundirão em algum momento, pois o avanço das descobertas científicas aproxima-se da verdade religiosa. Afinal, ele escreve sob a premissa de que este mundo terrestre foi criado à imagem e semelhança do Reino Celestial.

Damas determina, então, que a região de Göbekli Tepe era o Jardim do Éden, e que lá não habitavam apenas Adão e Eva, mas também outras pessoas. Porém, os edênicos ainda não tinham as condições materiais para a construção dos monólitos, de forma que foram auxiliados por anjos.

— Diante das explicações Bíblicas, as respostas aos questionamentos acima encontram respaldo para que eu *OUSE* em responder que os *Monumentos de Göbekli Tepe* foram construídos com o *auxílio dos Anjos, misteriosamente e enigmaticamente*” (Damas, 2011, grifo do autor).

Por fim, será interessante fazer uma análise do processo de argumentação de Damas, uma vez que a leitura da Bíblia não foi sua única inspiração. Ele diz que soube da existência de Göbekli Tepe pela televisão e diz que “Diante da importância da descoberta entrei no Google e através de pesquisa aprofundei-me no Assunto e resolvi postar esse Artigo” (Damas, 2011). Pode-se dizer que três movimentos convergiram para o autor escrever esse texto: o primeiro é a Bíblia, fornecendo versículos comprovadores da argumentação. O segundo seriam fontes que complementam a Bíblia, pois a datação da humanidade com 6 mil anos de existência não é uma afirmação nova; ela começa com o bispo de Usher no século XVII, de modo que essa data é apenas uma entre outras cronologias bíblicas (Trigger, 2004). A

terceira influência seria a dos artigos da internet que ele diz ter pesquisado, de onde vieram os dados factuais sobre Göbekli Tepe, como sua datação e localização.

A forma de pensar de Damas traz, de forma semelhante à de Murphy, um colonialismo sutil, ao assumir a incapacidade de os seres humanos antigos realizarem grandes obras. Além disso, o enfoque na Bíblia como verdade única não deixa de ser uma forma de etnocentrismo, pois o cristianismo é apenas uma dentre várias tradições que tem sua própria narrativa sobre a origem do mundo. O autor, como cristão, considera sua religião como verdade única e correta.

Comparação e discussão

Os contrastes entre os artigos de Murphy e de Damas vão além de suas crenças espirituais. É preciso levar em consideração que o site Gaia é de origem estrangeira, anglófona, e que emprega uma equipe em sua manutenção e produção de conteúdo. Já o Assuntos Polêmicos da Bíblia, de origem brasileira, é a obra de uma única pessoa, tendo, portanto, uma produção mais amadora. No entanto, o objetivo será analisar os discursos pseudoarqueológicos transmitidos por esses sites, de forma que enfocaremos as explicações de cada um neste momento.

Será interessante compreender como a arqueologia é interpretada e incorporada nesses discursos. Para ambos os autores, ela é vista como ciência, e o conhecimento produzido por essa disciplina tem o valor de argumento de autoridade. Observamos isso em Murphy, quando ela se utiliza de uma matéria do Smithsonian (Curry, 2008) para falar sobre a idade, local e construção de Göbekli Tepe, e depois mais adiante no texto escreve que "O Smithsonian e outros têm seus interesses a proteger, e, portanto, quaisquer exploradores que desafiem suas visões não serão financiados ou serão imediatamente

desacreditados”¹¹ (Murphy, 2017, tradução nossa). Assim, a ciência é colocada em uma posição de narrativa de quem tem mais poder, um movimento muito comum em discursos antiestablishment. (Cole, 1978; Fagan, 2006), discursos esses que são muito difundidos no mundo da pseudoarqueologia.

Damas também usa a ciência para dar credibilidade a algumas partes de seu texto, porém sua posição não é desafiadora como de Murphy. Não é um embate que acontece, pois o pensamento do autor é o de que a ciência está fadada a refletir os ensinamentos divinos, já que o mundo foi criado à imagem e semelhança do Reino de Deus. Enquanto o foco central do texto de Murphy é o de duvidar das narrativas científicas estabelecidas e propor soluções alternativas ao problema de Göbekli Tepe, o de Damas é encaixar o sítio arqueológico nas suas crenças pré-estabelecidas sobre a história, o mundo e a religião.

Outro foco de análise é a posição dos autores sobre a história. No texto de Murphy, ela, enquanto disciplina, é duplamente uma fonte de autoridade e um jogo de poder, assim como a ciência. Mas esta não está escondendo coisas, à diferença da história: um dos subtítulos do texto é “Can We Trust History [Podemos confiar na história?]” e outro é “Other Sites that Challenge Known History [Outros sítios que desafiam a história conhecida]”, no qual ela lista sítios arqueológicos como Gunung Padang, na Indonésia, para demonstrar que muitas coisas não estão bem esclarecidas. Logo, a história como um todo deve ser questionada, em especial em se tratando das origens humanas. Não à toa, a autora finaliza seu texto com a frase “Sonhem, meus queridos, pois lhes foi concedida a permissão para reexaminar a história!”¹² (Murphy, 2017, tradução nossa). A questão de poder e autoridade oculta o fato de que a história também tem métodos, tal como a ciência, mesmo que ela não seja neutra.

¹¹ No original: The Smithsonian and others have their interests to protect and therefore any explorers who challenge their views will not be funded or will be outright discredited.

¹² No original: Dream away, my darlings, for permission has now been granted to re-examine history!

Já Damas não busca pôr a história em xeque da mesma forma que Murphy. Na verdade, ele não chega a considerar a história enquanto disciplina em seu artigo, pois a Bíblia e as datações dos períodos do mundo substituem-na perfeitamente, em seu ponto de vista. Então, a questão de a história estar certa ou errada nem sequer chega a ser considerada. Na concepção de Damas, a arqueologia serve para validar os conhecimentos teológicos.

É impossível não notar que em ambos os textos a Bíblia tem um papel fundamental na argumentação. Para Damas, ela é fonte histórica literal, sendo colocada no artigo a partir de sua própria interpretação enquanto cristão. Já Murphy usa a história bíblica dos Nephilim para justificar conexões extraterrestres com Göbekli Tepe, de modo que é interessante observar também como os dois textos podem utilizar a mesma fonte para produzir sentidos diferentes.

Apesar das diferentes concepções espirituais, com Murphy acreditando em vidas passadas, existência de extraterrestres e de Atlântida, e Damas firme em suas convicções cristãs sobre o Éden e os anjos, os textos estão fundamentados na mesma ideia: humanos antigos eram primitivos demais para erguer Göbekli Tepe, logo, é preciso buscar quem são seus verdadeiros construtores. O interessante é que os dois textos usam a mesma ciência que datou o sítio arqueológico para fazer essa afirmação. Contudo, todos os estudos científicos sobre Göbekli Tepe não deixam margem para duvidar de que foram pessoas que fizeram as construções, embora não se tenha certeza absoluta de como isso foi feito.

Conclusão: crenças sobre a capacidade humana e o racismo

Não podemos deixar de notar também a presença, mesmo que sutil, de uma forma de pensar colonialista. Um dos aspectos desse colonialismo é a própria seleção da história bíblica como medida de tempo confiável, uma seleção etnocêntrica referente à cultura

ocidental, sem a consideração de outras culturas sobre a datação do mundo.

Além disso, se faz notar a visão etapista do desenvolvimento humano, no qual existe uma trajetória linear a seguir que culmina na civilização europeia, com seus desenvolvimentos como ciência e Estado-nação. Qualquer forma diferente disso é vista como anterior e inferior, como Quijano (2005) explicou. Isso ocorre com a repetição, nos dois blogs, de que seres humanos na época de Göbekli Tepe seriam incapazes de construí-lo, pois eram nômades, caçadores e coletores. Ou seja, o primitivismo dos humanos antigos é reforçado e segue uma premissa de que pessoas primitivas não conseguem realizar grandes feitos. Versões mais abertamente racistas dessa visão sobre primitivismo aparecem no pensamento imperialista, como já constatado por Trigger (1984).

Isso também implica que a construção de Göbekli Tepe só seria viável a partir de um conhecimento superior, herdado por uma civilização mais avançada. No texto de Murphy, baseando-se em Graham Hancock, essa civilização seria Atlântida. O mesmo tipo de pensamento está presente nas narrativas civilizatórias imperialistas, no qual as nações europeias assumem uma postura paternalista diante dos povos colonizados, sob a justificativa que levarão conhecimentos superiores para que os povos avancem nas etapas do progresso humano (Trigger, 2004). No artigo de Damas, o conhecimento superior viria de anjos, tendo uma origem sobre-humana.

A crítica à arqueologia, à história e à ciência como produtos de uma epistemologia ocidental deve ser feita, pois só assim é possível avançar a produção de conhecimento de forma respeitosa com a humanidade. Contudo, observamos que a crítica contida nos textos analisados está baseada em ideias herdadas do pensamento imperialista e conectadas a uma visão hierarquizante dos povos, de modo que a produtividade dessa crítica advinda da pseudoarqueologia deve ser questionada.

Referências

1. Atalay, S. (2006). Indigenous archaeology as decolonizing practice. *The American Indian Quarterly*, 30(3), 280-310.
<http://dx.doi.org/10.1353/aiq.2006.0015>
2. Banning, E. B. (2011). So fair a house: Göbekli Tepe and the identification of temples in the pre-pottery neolithic of the near east. *Current Anthropology*, 52(5), 619-660.
<https://doi.org/10.1086/661207>
3. Cole, J. R. (1978). Cult archaeology and unscientific method and theory. *Advances in Archaeological Method and Theory*, 3, 1-33.
4. Curry, A. (2008). Göbekli Tepe: The World's First Temple?. *Smithsonian Magazine*.
<https://www.smithsonianmag.com/history/Göbekli-tepe-the-worlds-first-temple-83613665/>
5. Damas, O. F. (2011). Göbekli Tepe e o Jardim do Éden. *Assuntos Polêmicos da Bíblia*.
<https://assuntospolemicosdabiblia.com/blog/gobekli-tepe-e-o-jardim-do-eden/>
6. Damas, O. F. (2023). O autor. *Assuntos Polêmicos da Bíblia*.
<https://assuntospolemicosdabiblia.com/blog/o-autor/>
7. Deutsches Archäologisches Institut. (2024). FAQ.
<https://www.dainst.blog/the-tepe-telegrams/faq/>
8. Dietrich, L., Meister, J., Dietrich, O., Notroff, J., Kiep, J., Heeb, J., & Schütt, B. (2019). Cereal processing at early neolithic Göbekli Tepe, southeastern Turkey. *Plos One*, 14(5).
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0215214>
9. Dietrich, O., Heun, M., Notroff, J., Schmidt, K., & Zarnkow, M. (2012). The role of cult and feasting in the emergence of Neolithic communities: New evidence from Göbekli Tepe, south-eastern Turkey. *Antiquity*, 86(333), 674-695.
<https://doi.org/10.1017/S0003598X00047840>
10. Fagan, G. G. (2006). Diagnosing pseudoarchaeology. In Fagan, G. G. (Ed.), *Archaeological fantasies: How pseudoarchaeology misrepresents the past and misleads the public* (23-46). Routledge.
11. Fender, C. (2022). Addressing the alien in the room: Why Public perception is imperative to the field of archaeology. *Pathways*, 3(1), 29-42. <https://doi.org/10.29173/pathways38>
12. Gaia. (2024). *Who we are*. <https://www.gaia.com/lp/about>
13. Gnecco, C. (2012). "Escavando" arqueologias alternativas. *Revista de Arqueologia*, 25(2), 8-22. <https://doi.org/10.24885/sab.v25i2.352>
14. Haber, A. (2016). Decolonizing archaeological thought in South America. *Annual Review of Anthropology*, 45(1), 469-485.
15. Hancock, G. (2017). *Magicians of the gods*. Thomas Dunne Books.

16. Hodder, I. (1999). *The archaeological process: An introduction*. Blackwell.
17. Moshenska, G. (2017). Alternative archaeologies. In Moshenska, G. (Ed.), *Key concepts in public archaeology* (pp. 122-137). UCL Press.
18. Murphy, A. (2017). What is Göbekli Tepe? Facts, history, and speculation. *Gaia*. <https://www.gaia.com/article/what-is-Göbekli-tepe>
19. Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In Lander, E. (Org.), *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas* (pp. 117-142). Clacso.
20. Scham, S. (2008). The world's first temple. *Archaeology*, 61(6), 22-27.
21. Schmidt, K. (2000). Göbekli Tepe, southeastern Turkey: A preliminary report on the 1995-1999 excavations. *Paléorient*, 26(1), 45-54.
22. Silva, F. A. (2002). Mito e arqueologia: A interpretação dos Asurini do Xingu sobre os vestígios arqueológicos encontrados no parque indígena Kuatinemu – Pará. *Horizontes Antropológicos*, 8(18), 175-187. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832002000200008>
23. Trigger, B. G. (1984). Alternative archaeologies: Nationalist, colonialist, imperialist. *Man*, 19(3), 355-370. <https://doi.org/10.2307/2802176>
24. Trigger, B. G. (2004). *História do pensamento arqueológico*. Odysseus.
25. West, R. (2013, February 7). Gobekli Tepe: Turkish delight, or Turkey's archaeological Turkey? Big-lies. <https://big-lies.org/general/gobekli-tepe.html>